

ca inteiro, até o Egito, vendo e lendo muito Flaubert.

Trabalhei em Paris com os diretores Jean Vilar e Roger Planchon. Na Alemanha, participei da grande fase do Berliner Ensemble, companhia de teatro fundada pelo dramaturgo Bertolt Brecht. Também vi muito teatro inglês e estendi o passeio até a Irlanda.

Curioso que o que mais me marcou nesse período na Europa foram os 28 dias em que fiquei hospedado na casa de João Cabral de Melo Neto, em Marcella, na França. Aprendi mais sobre poesia do que em qualquer universidade brasileira.

Embora minha cabeça não tenha mudado, as viagens serviram para que eu me conhecesse melhor e tomasse um rumo, após perceber que a essência do meu progresso estava em poder aceitar a minha decadência. Ou seja, progredir até morrer, porque viver é morrer. E não me arrependo de nada.”

Minha tese

ARQUIVO PESSOAL



Marilda Lemos

Assistente social e professora da Faculdade Paulista de Serviço Social

Machismo em DP vira doutorado

Estudo da USP mostra que Lei Maria da Penha é mal aplicada por preconceito de delegados e escrivães de polícia

Carlos Lordelo

“O marido trabalhou o dia todo, chegou cansado e queria um carinho da mulher, mas ela se recusou. Numa situação dessas, ele acaba estourando mesmo, é difícil ele se segurar.”

O relato, feito por um agente policial após a denúncia de uma mulher que foi agredida pelo companheiro, não é tão incomum. É o que sustenta a assistente social Marilda de Oliveira Ramos, de 53 anos, em tese de doutorado defendida em abril na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP.

Intitulada “Alívio e tensão: um estudo sobre a interpretação e a aplicação da Lei Maria

da Penha nas Delegacias de Defesa da Mulher e Distritos Policiais da Seccional de Polícia de Santo André (SP)”, a tese mostra que a lei aprovada para punir a violência contra a mulher precisa vencer o machismo até nas delegacias. Segundo a autora, delegados e escrivães reproduzem, às vezes inconscientemente, a discriminação contra quem deveriam defender.

“Poucos enxergam as mulheres como sujeito de direitos. Essa visão, transformada em prática profissional, poderá fazer a diferença no momento de interpretar a Lei Maria da Penha”, afirma Marilda, que realizou a pesquisa de campo em 2007 e 2008 em Santo André, Mauá, Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra, na Grande São Paulo.

Ao todo, a pesquisadora entrevistou sete mulheres agredidas, seis delegados e seis escrivães. “Alguns relatos procuram inocentar o agressor e culpar o comportamento de mulheres

que fogem do padrão tradicional de mãe, dona de casa e esposa”, afirma. Ela não considera o universo da análise limitado. “A pesquisa tem de delimitar seu alcance. Claro que uma pessoa pode pesquisar como estão atuando hoje as delegacias no Ceará e tirar conclusões diferentes. A ciência é assim.”

Marilda descreve algumas situações que viveu como “saías justas”. Um delegado, por exemplo, perguntou se ela era casada e tentou se impor, mudando o tom de voz. “Tive a sensação de estar sendo ‘paquerada’”, escreveu a pesquisadora no texto da tese. “Senti náuseas com alguns comentários.”

Na conclusão, Marilda aponta para a necessidade de uma qualificação específica para o atendimento a mulheres. “Os policiais devem ter um filtro mais acurado para lidar com esse tipo de violência. A delegacia é a porta de entrada para que o crime se torne um inquérito.”



GRANDES IDEIAS NASCEM AQUI.

O Brasil está passando por uma importante fase, repleta de desafios e oportunidades determinantes para o desenvolvimento do País. Para ser protagonista dessa fase, é fundamental estar bem preparado. Na Mauá, professores qualificados, apoiados por uma infraestrutura diferenciada e completa, estimulam os alunos a desenvolverem suas habilidades técnicas e gerenciais para assumirem o papel de gestores do futuro do País.

ADMINISTRAÇÃO
DESIGN DO PRODUTO
ENGENHARIA
GESTÃO AMBIENTAL
GESTÃO DA TI

INSTITUTO MAUÁ DE TECNOLOGIA



Fotomontagem - Campus de São Caetano do Sul.